



(IN)VISIBILIDADE DE ENFERMEIRAS NEGRAS NO BRASIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Resumo: Este estudo tem como objetivo analisar as publicações científicas nacionais acerca da representatividade histórica de enfermeiras negras. Trata-se de um estudo de revisão integrativa, de abordagem qualitativa, realizada de setembro a dezembro de 2023, a partir das buscas no portal da Biblioteca Virtual de Saúde. A revisão incluiu 9 estudos, que foram discutidos em duas categorias: "Enfermagem pré-profissional e seu impacto na atualidade" e "A história que a história não conta: Enfermeiras negras invisibilizadas pela história." O racismo se mostra como uma das principais bases para determinação da composição da enfermagem atualmente, justificando muitas vezes a opressão e apagamentos das mulheres negras na Enfermagem. É crucial estabelecer políticas que promovam a diversidade, a inclusão, programas de conscientização cultural, ações afirmativas, a valorização e promoção das contribuições das mulheres negras na enfermagem e em todas as áreas da saúde, para eliminar as diferentes faces do racismo que perpetuam essa desigualdade.
Descritores: Enfermeiras, Racismo, Enfermagem, História da Enfermagem.

(In)visibility of black nurses in Brazil: a review integrative

Abstract: This study aims to analyze the national scientific publications about the historical representation of black nurses. This is an integrative review study, with a qualitative approach, conducted from September to December 2023, based on searches in the virtual health library portal. The review included 9 studies, which were discussed in two categories: "pre-professional nursing and its impact today" and "the story that history does not tell: black nurses made invisible by history." Racism is shown as one of the main bases for determining the composition of nursing today, often justifying the oppression and erasure of black women in nursing. It is crucial to establish policies that promote diversity, inclusion, cultural awareness programs, affirmative action, valuing and promoting the contributions of black women in nursing and in all areas of health, to eliminate the different faces of racism that perpetuate this inequality.
Descriptors: Nurses, Racism, Nursing, History of Nursing.

(In)visibilidad de las enfermeras negras en Brasil: una revisión integrativa

Resumen: Este estudio tiene como objetivo analizar las publicaciones científicas nacionales sobre la representación histórica de las enfermeras negras. Se trata de un estudio de revisión integrador, con enfoque cualitativo, realizado entre septiembre y diciembre de 2023, a partir de búsquedas en el portal Biblioteca Virtual en Salud. La revisión incluyó nueve estudios, que se analizaron en dos categorías: «Enfermería preprofesional y su impacto en la actualidad» y «La historia que la historia no cuenta: enfermeras negras invisibilizadas por la historia.» El racismo se muestra como una de las principales bases para determinar la composición de la enfermería actual, justificando a menudo la opresión y el borrado de las mujeres negras en la enfermería. Es crucial establecer políticas que promuevan la diversidad, la inclusión, los programas de sensibilización cultural, la acción afirmativa, la valoración y la promoción de las contribuciones de las mujeres negras en la enfermería y en todos los ámbitos de la salud, con el fin de eliminar las diferentes caras del racismo que perpetúan esta desigualdad.
Descriptores: Enfermeras, Racismo, Enfermería, Historia de la Enfermería.

Roberta Georgia Sousa dos Santos

Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
Doutora em Ética e Bioética Aplicadas em Saúde Coletiva pela UERJ.
E-mail: robertageorgia27@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2122-2505>

Mayara Gonçalves Cordeiro dos Santos

Enfermeira. Especialista em Enfermagem de Família e Comunidade SMS/RJ.
E-mail: enf.mayaragoncalves@gmail.com

Verônica Caé da Silva Moura

Professora Adjunta da Escola de Enfermagem Anna Nery. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Doutora em Enfermagem pela UFRJ.
E-mail: vcaesilva@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3720-6136>

Michelle Adrienne da Costa de Jesus

Enfermeira. Especialista em Enfermagem de Família e Comunidade. Especialista em preceptoria em residências multiprofissionais Mestre em Saberes, Políticas e Práticas em Saúde Coletiva e Enfermagem. Tutora do Programa de Residência em Enfermagem de Família e Comunidade na Prefeitura do Rio de Janeiro.
E-mail: michelleadrienne05@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8163-6118>

Thayssa Vitória Mattos da Silva

Acadêmica da Faculdade de Enfermagem da UERJ. Bolsista do projeto de extensão Quilombo do Cuidar.
E-mail: vthayssa5@gmail.com

Submissão: 20/08/2024

Aprovação: 13/11/2024

Publicação: 02/12/2024



Como citar este artigo:

Santos RGS, Santos MGC, Moura VCS, Jesus MAC, Silva TVM. (In)visibilidade de enfermeiras negras no Brasil: uma revisão integrativa. São Paulo: Rev Remecs. 2024; 9(15):240-251. DOI: <https://doi.org/10.24281/rremecs2024.9.15.240251>

Introdução

No Brasil, ainda que já seja possível observar a redução das desigualdades sociais, existe um padrão que permanece no topo dessa desigualdade que é o de mulheres e pessoas negras, sendo assim, nomeadamente mulheres negras. Isto é sustentado no mercado de trabalho, visto que muitos efeitos discriminatórios diretamente relacionados ao gênero e raça ainda são nutridos nos dias atuais¹.

De acordo com o relatório do Instituto Ethos *Perfil social, racial e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas*, as mulheres negras se encontram na pior posição no mercado de trabalho, com taxas de participação mais baixas, de informalidade e de altas taxas de desemprego que chegam a ser 100% superior em relação ao homem branco desempregado, além de rendimentos inferiores. Essa realidade é reflexo de um sistema que perpetua o racismo estrutural e o sexismo².

A presença e o papel das enfermeiras na promoção da saúde e no cuidado aos pacientes são fundamentais para o funcionamento eficaz dos sistemas de saúde em todo o mundo. No Brasil, o corpo de enfermagem desempenha um papel crucial, atuando na linha de frente, oferecendo cuidados essenciais e contribuindo significativamente para a saúde da população³. Entretanto, ao analisarmos a composição demográfica dessa profissão, é evidente a necessidade de explorar questões de representatividade e reconhecimento, especialmente no que se refere às enfermeiras negras⁴.

Aprofundar a compreensão sobre a representatividade e o reconhecimento das enfermeiras negras no Brasil é crucial para promover a

equidade no ambiente de trabalho, fortalecendo o acesso e a qualidade dos cuidados prestados. Além disso, ao destacar as contribuições destas profissionais, podemos implicar para o enfrentamento do racismo que usa como apagamento dessa contribuição destas, além de inspirar futuras gerações de enfermeiras negras e contribuir para a construção de uma força de trabalho mais diversificada e inclusiva na área da saúde.

De acordo com a pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil, temos 414.712 profissionais enfermeiros em nosso país, sendo 37,9% se autodeclarando como negros (pretos e pardos), segundo a nomenclatura do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Enquanto técnicos e auxiliares de Enfermagem autodeclarados como negros, tem-se 57,4% de 1.389.823⁵.

É sabido que enfermagem é uma categoria profissional hegemonicamente feminina, também segundo a Pesquisa de Perfil na Enfermagem no Brasil, cerca de 85,1% da enfermagem é composta por pessoas do sexo feminino. Esse mesmo estudo evidencia que 53% destes, é composto de pessoas negras, sendo então a maioria na Enfermagem. Sendo assim, este estudo tem como objetivo analisar as publicações científicas nacionais acerca da representatividade histórica de enfermeiras negras.

Material e Método

Trata-se de um estudo de revisão integrativa, que é um método que tem a finalidade de sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um delimitado tema ou questão, de maneira sistemática e ordenada, com o objetivo de contribuir para o conhecimento desse tema ou questão⁶. “Os métodos qualitativos descrevem uma relação entre o

objetivo e os resultados que não podem ser interpretados através de números, nomeando-se como uma pesquisa descritiva⁷.

Para construção da revisão foram realizadas as seguintes etapas: (1) Elaboração da pergunta norteadora; (2) estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos/ amostragem ou busca na literatura; (3) categorização dos estudos selecionados, (4) avaliação dos estudos incluídos; (5) interpretação de dados; (6) avaliação da síntese⁸.

Na primeira etapa, foi aplicada a estratégia PICO, que facilita a construção da pergunta norteadora e que é conveniente para revisões qualitativas, com foco nas experiências humanas e nos fenômenos sociais⁹. Outro ponto importante a ser apontado, é o reconhecimento do contexto da pesquisa, pois ele é um agente variante podendo ser uma localização geográfica, uma questão de raça ou gênero, o ambiente clínico etc. Essa estratégia possui quatro componentes: (P) Paciente ou Problema, (I) Fenômeno de Interesse (Co) Contexto¹⁰.

Dessa forma, a pergunta norteadora desta pesquisa é: “Qual o impacto do racismo no reconhecimento de enfermeiras negras na História da Enfermagem Brasileira?”. Apoiada na Estratégia PICO, foi realizada a consulta aos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e definiu-se como descritores: “Enfermeiras”, “Racismo”, “História da Enfermagem” e “Enfermagem”.

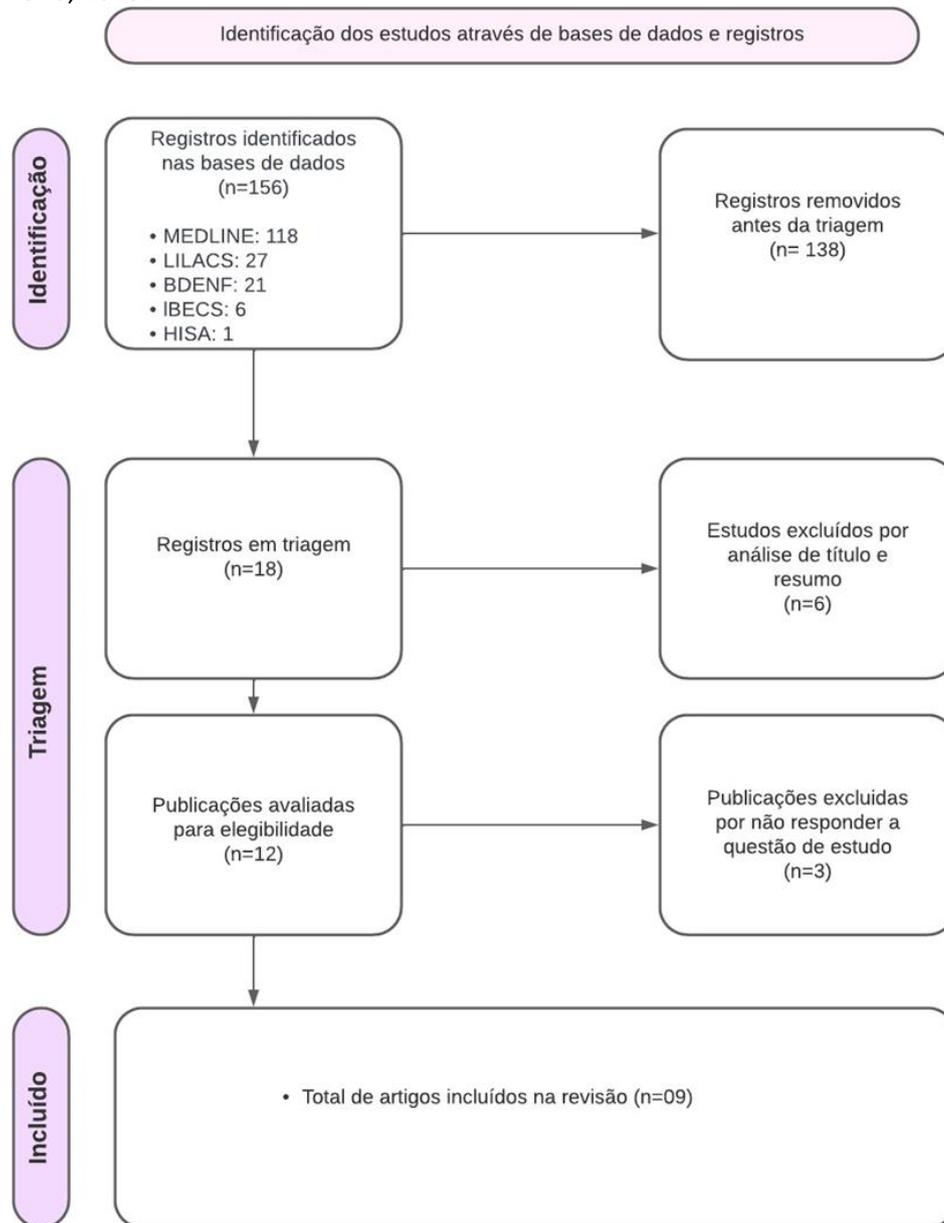
O levantamento bibliográfico deste estudo foi realizado mediante a busca no portal da Biblioteca

Virtual de Saúde (BVS), incluindo-se as fontes de informações: Base de Dados de Enfermagem (BDENF), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), *Índice Bibliográfico Español en Ciencias de la Salud* (IBECS). Foram utilizados os descritores “enfermeiras”, “racismo” e “história da enfermagem” e outra busca com os descritores “enfermagem”, “racismo” e “história da enfermagem” aplicando o operador booleano "AND" para a pesquisa.

Como critérios de inclusão optou-se por estudos publicados em português, gratuitos, sem critério de tempo de publicação, que abordassem sobre Enfermeiras Negras e que estivessem disponíveis na íntegra, já como critérios de exclusão, optou-se por publicações internacionais, duplicadas, e/ou que não atendessem à pergunta norteadora.

Após realizar a busca na base de dados, foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão pré-estabelecidos, foi realizada a leitura dos títulos e resumos para eleição dos trabalhos que respondessem à questão norteadora da pesquisa. Em seguida a isto, foi feita a leitura na íntegra das publicações e esse processo de eleição resultou no total de 9 artigos que está representado no fluxograma adaptado pelo PRISMA (Figura 1)¹¹.

Figura 1. Fluxograma da seleção de artigos para Revisão Integrativa elaborado a partir da recomendação PRISMA, Rio de Janeiro, 2023.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Os dados foram analisados sob o método de análise de conteúdo de Bardin¹². Desta forma, após a exploração deste material foi realizado a definição das categorias, que na perspectiva da análise do conteúdo, as categorias são vistas como rubricas ou classes que associam determinados elementos agrupando características semelhantes, surgiram então, duas categorias: (1) Enfermagem pré-profissional e seu impacto na atualidade; (2) A história

que a história não conta: Enfermeiras negras apagadas da história.

Resultados

Ao realizar a busca na base de dados foram encontradas 156 amostras. Sendo excluídos, 138 artigos que não estavam dentro dos critérios estabelecidos. Após a leitura de títulos e resumos, dos 18 artigos selecionados pelos dos critérios supracitados, foram excluídos mais 6 artigos, restando

um total de 12 artigos. Em seguida, mais 3 estudos foram excluídos por não responderem à questão do estudo, resultando numa amostra de 9 publicações selecionadas para compor o corpus desta revisão integrativa.

No quadro abaixo, são apresentados os dados relacionados aos 9 artigos que foram incluídos na revisão, trazendo destaque ao ano de publicação, autores da pesquisa, objetivos dos estudos e base de dados onde foi publicada.

Quadro 1. Resultados dos estudos elegidos para revisão bibliográfica. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2023.

Amostra	Título	Tipo de publicação	Ano	Autores	Objetivos	Base de dados
A1	A importância das mulheres negras na enfermagem do Brasil e do mundo ¹³	artigo	2023	Valéria Joaquim de Oliveira Santos; Jessica Gonçalves da Costa; Fagner Alves Moreira Brandão; Osmar Pereira dos Santos	Compreender a importância das mulheres negras na enfermagem e sua representatividade.	LILACS
A2	Construindo uma narrativa antirracista para a formação em enfermagem: relato de experiência de uma ação afirmativa em sala de aula ¹⁴	artigo	2023	Luciana Silvério Alleluia Higino da Silva; Cláudia Mara de Melo Tavares; Matheus Marques Ferreira; Thiago Nogueira da Silva	Analisar, à luz Teoria Crítica da Raça, uma aula ministrada sobre o impacto do racismo e a importância das ações afirmativas na formação e atuação da enfermagem.	LILACS; BDEFN
A3	Enfermagem brasileira e a pandemia de COVID-19: desigualdades em evidência ¹⁵	artigo	2021	Ellen Cristiane Gandra, Kênia Lara Silva, Hozana Reis Passos, Rafaela Siqueira Costa Schreck	Refletir sobre as desigualdades que afetam a Enfermagem em sua trajetória histórica e que se acentuam durante a pandemia da Covid-19.	SCIELO; LILACS; BDEFN
A4	O cuidado das amas-de-leite e o protagonismo do negro na história da enfermagem: uma luta por equidade ¹⁶	artigo	2015	Carlton Washington Pinheiro, Adriana Simplício de Araújo, Ana Paula Nogueira de Vasconcelos, Débora Joyce Nascimento Freitas, Heda Caroline Neri de Alencar, Karla Maria Carneiro Rolim	Sistematizar referências relacionadas ao cuidado das amas-de-leite.	BDEFN; LILACS
A5	Mary Seacole e Maria Soldado: enfermeiras negras que fizeram história ¹⁷	artigo	2014	Lily Löw; Taka Oguisso	Resgatar a história de Mary Jane Seacole e Maria Soldado, posicionando-as como modelos da história profissional da enfermagem.	IBECS

A6	Enfermeiras negras na Revolução Constitucionalista de 1932 ¹⁸	dissertação de mestrado	2013	Lily Löw	Identificar e analisar a participação de mulheres negras na Revolução Constitucionalista de 1932. Compreender a formação da história da Legião Negra.	LILACS, BDEF
A7	Ser enfermeiro negro na perspectiva da transculturalidade do cuidado ¹⁹	dissertação de mestrado	2010	Bárbara Barrionuevo Bonini	Dar visibilidade a duas mulheres - Mary Jane Seacole e Maria Soldado.	BDEF
A8	Preconceito na enfermagem percebido por enfermeiros: uma abordagem quantitativa ²⁰	artigo	2008	Elaine dos Santos Jesus; Leoana Reis Marques; Luana Conceição Fortes Assis; Taisy Bezerra Alves; Genival Fernandes de Freitas; Taka Oguisso	Identificar a existência de preconceitos relacionados com a profissão de enfermagem; levantar os tipos de preconceitos percebidos pelos enfermeiros; descrever quem eram as pessoas que os manifestavam; e pontuar as formas de enfrentamento.	SCIELO, LILACS, BDEF
A9	Minorias discriminadas e trabalho qualificado: O acesso de mulheres negras à Enfermagem profissional nos anos 30 ²¹	artigo	1999	Márcia Cristina Lucas Ferreira; Antônia Regina Messias Fernandes Sena; Leda de Alencar Barreira	Analisar as circunstâncias de inserção da Escola Anna Nery (EAN) no aparelho de Estado e relacionar as práticas de discriminação racial à seleção de candidatas à EAN.	LILACS, BDEF

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Os artigos foram publicados de 1999 a 2023. Em sua grande maioria apresentam uma análise histórico documental sobre a era pré-profissional da categoria da Enfermagem Brasileira, desde a época da colonização em que mulheres negras sempre estiveram à frente do cuidado da população, seja ela livre e branca ou preta e escravizada, justificando o apagamento e desvalorização dessas atualmente e coloca sob a luz, a trajetória e as realizações das enfermeiras negras que foram invisibilizadas da História da Enfermagem, em 2 deles é evidenciado a vida de Mary Seacole, primeira enfermeira negra em âmbito internacional e Maria Soldado, primeira

enfermeira negra brasileira, que atuou na revolução constitucionalista de 32.

Alguns relatam sobre o estabelecimento do estereótipo da “Enfermeira Padrão”, que sempre excluiu mulheres negras, as colocando sempre na base da hierarquia da profissão, com menos acesso a estudos, cargos de chefia e valorização.

Discussão

Enfermagem pré-profissional e seu impacto na atualidade

Iniciamos com o artigo que traz a perspectiva histórica sobre a relação entre o cuidado e as mulheres, especialmente as mulheres negras, durante

diferentes períodos, enfocando particularmente a era escravagista no Brasil¹³. No período escravagista, as mulheres negras escravizadas exerciam diversas formas de trabalho no Brasil, além de trabalharem na produção das fazendas de seus senhores, exerciam também o trabalho considerado doméstico, como o de cozinheiras, nas práticas de cuidar como o de babá/cuidadoras de crianças e ama de leite, além de suas atuações no cuidado e cura^{22,23}.

Era compulsória a ordem de abandonar seus próprios filhos ou cercear os seus cuidados maternos para amamentar os filhos brancos e livres de sua senhora²⁴.

Os cuidados com as crianças brancas, consistiam em colocar para dormir, alimentar e ensinar as primeiras palavras. Sendo assim, eram das mulheres escravizadas conhecidas como “mães pretas”, os primeiros e muitas vezes perpetuados, os cuidados essenciais que essas crianças obtinham.

Ainda que o sistema desconsiderasse muitas vezes essas mulheres como seres humanos, para sua escolha eram considerados alguns critérios, como: “as melhores escravas da senzala, as mais limpas, bonitas, fortes e, principalmente as já cristãs e com assimilação brasileira, enfim, as menos africanizadas e mais colonizadas”, exemplo incontestável do epistemicídio negro²⁵.

Sob a ótica do pensamento de Frantz Fanon²⁶, indivíduos negros estão inseridos na “zona do não ser”, que descreve a existência de uma concepção universal do ser humano que é destinada apenas aos brancos, então, discute a experiência vivida por pessoas colonizadas, especialmente as de origem africana, que encontram-se fadadas compulsoriamente a um estado em que suas

identidades são desvalorizadas, rejeitadas ou negadas pelo sistema dominante, resultando em uma sensação de inadequação e exclusão, repartindo a humanidade entre inferiores e superiores de acordo com a cor da pele, tendo o racismo como alicerce.

Há evidência que, ainda que as pessoas negras fossem cuidadoras em potencial devido sua atuação no período colonial no Brasil, eram raramente citados ou minimamente reconhecidos, desta forma, foram liquidados da escrita sobre história da Enfermagem brasileira. O não reconhecimento de sua fundamental contribuição no processo histórico do cuidado beira leito, reforçando a ideia de incapacitação e desqualificação, o que faz perpetuar o apagamento histórico dessas figuras pioneiras²³.

Atualmente, mais da metade da força de trabalho da enfermagem é constituída por pessoas negras, principalmente entre profissionais do ensino médio, de acordo com pesquisa de *Perfil na Enfermagem no Brasil*⁵. Esse contexto se justificado pelo processo formativo brasileiro desde a colonização, que teve forte influência europeia com a prevalência de um modelo eurocêntrico, branco, cristão e patriarcal, ressaltando as relações étnico-raciais entre os povos europeus e africanos pela exploração, subserviência, escravização e expropriação social e cultural dos povos não brancos. Durante esse período, a cultura eurocêntrica permeou o ensino, resultando em exclusões significativas para a população negra¹⁴.

A circulação dos negros nas escolas e o ingresso em cursos de formação profissional eram proibidos. Essas barreiras tiveram impactos negativos na cidadania dos negros no período pós-abolição da escravização no Brasil que perduram até os dias atuais. A ausência de planejamento ou políticas

específicas para integrar essa população como cidadã no novo modelo de sociedade contribuiu para a marginalização e exclusão quase que perpétua. Logo, as pessoas negras tiveram acesso à educação mais tardiamente, sendo mantidas nos serviços de produção e setores menos valorizados e remunerados, compondo uma massa marginalizada de trabalhadores, mais uma vez suprimindo as necessidades braçais do país e não as intelectuais²¹.

Desde a época de Florence Nightingale, considerada por muitos como precursora da enfermagem, diversas formas de preconceito são vistos na enfermagem. Em relação à apuração dos candidatos à profissão, tem uma experiência pautada no racismo e sexismo, pois o modelo de formação/ensino impedia o acesso de mulheres negras, e de homens de qualquer etnia, como alunos nas escolas que adotavam o padrão proposto orientado pela precursora da enfermagem moderna¹⁹.

As escolas de enfermagem no Brasil que assumiam o modelo nightingaleano não admitiam mulheres negras e tampouco homens, esses brancos ou negros, na formação profissional. Corroborando a isto, a consolidação e institucionalização do processo de implementação da profissão da Enfermagem no Brasil, se deu também sob a conjuntura colonial, logo foi reafirmada em cima de uma lógica elitista e embranquecida, criando um estereótipo de “Enfermeira padrão” similar e pautado ao “modelo nightingaleano”, inserindo a mulher negra mais uma vez na zona do não ser¹⁵.

A hierarquização racial, pautada em uma lógica extremamente racista, que definiu a divisão de trabalho dentro da categoria, sendo assim, as mulheres negras coube o acesso à educação para

profissionalização por meio de ensino técnico e as mulheres brancas, de família e de classe social mais elitizada foram privilegiadas com acesso ao ensino superior de enfermagem¹⁵.

Frequentemente sub-representadas em posições de liderança, mulheres negras enfrentam obstáculos para avançar em suas carreiras. Além disso, suas contribuições muitas vezes não são reconhecidas ou valorizadas da mesma forma que as de suas colegas brancas. Essa desvalorização pode ser observada desde a falta de representação em cargos de liderança até a desconsideração de suas experiências e conhecimentos no cuidado com os pacientes, como na época do Brasil Colônia, inserindo-as mais vez em uma dinâmica em que as mulheres negras na enfermagem podem sentir-se inadequadamente valorizadas e excluídas, estando constantemente na zona do não ser.

É crucial destacar que quando a desigualdade com base na raça está presente em organizações, empresas ou instituições, é determinado como racismo institucional. Esse tipo de racismo se desenvolve quando a segregação étnico-racial é promovida de maneira sistemática dentro desses ambientes. Essa forma de discriminação pode se manifestar de diversas maneiras, incluindo ações discriminatórias, concepções racistas e até mesmo a desconsideração de marcos ou pessoas importantes em um contexto cultural¹³.

O racismo se mostra como uma das principais bases para determinação da composição da enfermagem atualmente, justificando muitas vezes a opressão e apagamentos das mulheres negras na Enfermagem, perpetuando-se na base da pirâmide social, conforme dados já publicados pelo Instituto de

Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)²⁷. Diante disso, o preconceito está fincado em raízes culturais que foram determinadas historicamente, e são manifestadas ainda atualmente.

A história que a história não conta: Enfermeiras Negras

A ideia de que o racismo é uma regra e não uma exceção, considera que a sociedade e toda sua estrutura foram criadas sobre a normalidade do racismo, tratando como algo habitual a experiência vivida pela maioria das pessoas de minoria racial deste país.¹⁴ Dentro deste contexto, a história da enfermagem segue esta mesma regra, devido ao raso conhecimento sobre as enfermeiras negras, tanto que no âmbito internacional, ouvimos veementemente que Florence Nightingale é precursora da enfermagem moderna enquanto Mary Seacole ainda vive as sombras, embora as duas tenham desempenhado o mesmo papel na Guerra da Criméia.

Como já dito, a Enfermagem pré-profissional brasileira era consumada através do cuidado pautado no conhecimento empírico, intuitivo e vocacional sendo assim, com Maria José Barroso não foi diferente¹⁸. Nasceu em 1895, vivendo em um período em que o conceito de eugenia era fortemente propagado no Brasil¹⁷. Este conceito tinha intenção de difundir o branqueamento no país, através de um conjunto de ideias e práticas racistas com objetivo de “melhorar a raça humana”²⁸.

Em 1932, com o início da Revolução Constitucionalista, Maria José não hesitou em abandonar seu emprego como cozinheira de uma família da elite brasileira para se alistar como “enfermeira” da Legião Negra¹³. Inicialmente atuou nos cuidados aos feridos e doentes nos hospitais nos

postos de emergência das brigadas e frente de batalha²⁹. Ficou reconhecida como “Mulher Símbolo” no jubileu de prata da Revolução de 1932 pela imprensa de São Paulo¹³, pois também foi a frente de batalha empunhando fuzis na guerra¹⁸.

Maria Barbosa Fernandes foi a primeira negra a graduar-se na Escola de Enfermagem Carlos Chagas.¹³ Com intuito de aprimorar a saúde pública no país, que vivia um período complicado devido às epidemias, Vargas investiu em estratégias para formação de novos sanitaristas médicos e enfermeiros. Desta forma, observou-se que os padrões exigidos para entrada nas escolas de saúde eram um empecilho para o avanço da saúde brasileira⁴. Após sua formação, ela atuou na saúde pública, realizando visitas domiciliares, indo aonde ninguém ia naquela época devido a moralidade, como em “prostíbulos” assistindo seus usuários com olhar um totalmente voltado para suas singularidades pessoais, culturais e sociais¹³.

Rosalda Cruz Nogueira Paim, foi a primeira enfermeira negra parlamentar no Brasil exercendo seu mandato de Deputada Estadual do Rio de Janeiro de 1983 a 1987, contribuiu significativamente para o processo de modernização da enfermagem brasileira, bem como teve grande influência na formação de profissionais de saúde¹³. Além disso, é importante ressaltar sua visão integral para a saúde, destacando a importância de uma abordagem que vai além do modelo hegemônico curativista tradicional, trazendo pioneiramente a discussão conceitos como integralidade, humanização, hierarquização dos serviços, referência e contrarreferência, que mais tarde vieram a ser princípios ou conceitos utilizados no Sistema Único de Saúde (SUS). Somado a isso, ela

defendeu a democracia e os direitos humanos sofrendo muitas vezes opressão do governo, também foi ativista do movimento negro e feminista e em toda sua trajetória colocava a temática em evidência²⁹.

Outra figura importante na História da Enfermagem Brasileira é Izabel dos Santos graduou-se pela Escola de Enfermagem Hugo Werneck, atualmente parte da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, foi consultora da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) por um período extenso de 1976 a 1997¹³. Criou a Programa de Qualificação de Auxiliares e Técnicos de Enfermagem (PROFAE), projeto idealizado para formação profissional da categoria da Enfermagem, especialmente para o nível técnico, considerado o maior projeto estratégico para aprimoramento da assistência prestada por trabalhadores nas unidades públicas do SUS²⁹.

Dentre as muitas personagens de destaque na Enfermagem brasileira, é preciso citar também Mãe Stella de Oxóssi. Enfermeira, Iyalorixá, militante do povo negro e do povo de santo, escritora e imortal da Academia de Letras da Bahia. Sua família possuía boas condições financeiras, tendo Stella acesso a bons colégios tradicionais de Salvador, sua cidade natal, e após, iniciando a graduação em Enfermagem aos 15 anos na Escola de Enfermagem e Saúde Pública da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Especializou-se em Saúde Pública e foi de visitadora sanitária por mais de 30 anos, que promove atividades que visam controlar doença enquanto fenômeno coletivo, mas atuando sobre indivíduos através da visita domiciliar, educação sanitária para doentes e comunicantes de doenças transmissíveis³⁰.

Sua trajetória de vida como enfermeira e Iyalorixá foi extremamente significativa para a história

de uma enfermagem negra. Pois, Mãe Stella de Oxóssi traz representatividade para história de mulheres negras na enfermagem, para o universo sociocultural e religioso do povo negro e o enfrentamento ao racismo²⁹.

Impossível estudar sobre enfermeiras negras e não citar Dona Ivone Lara. Formada pela Faculdade de Enfermagem do Rio, atual Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e aprovada em um concurso do Ministério da Saúde, foi alocada no Instituto de Psiquiatria do Engenho de Dentro (RJ)¹³, onde pôde atuar grandiosamente na área da saúde mental. Atuando com a psiquiatra Nise da Silveira contra os tratamentos desumanizados e agressivos na época, ofertando um cuidado cheio de arte, vínculo, humanização e cidadania às pessoas com sofrimento psíquico, sendo considerada uma das precursoras da Terapia Ocupacional.

Ainda que essas mulheres tenham ocupado diversos setores na enfermagem, desde a assistência à formação profissional em um nível elevado, foram muitas vezes colocadas à sombra, sendo retirado seu reconhecimento na Enfermagem. Certamente pelo contexto em que viveram, foram desafiadas e tropeçaram diariamente no racismo interseccionado a classe e gênero, totalmente exposto na época pelo “padrão” estabelecido da Enfermagem.

Conclusão

Para avançar com sucesso no futuro, é preciso aprender e resgatar o passado, como traz o conceito *Sankofa*. É fundamental voltar o olhar aos que vieram antes de nós, as raízes da ancestralidade e tê-los como modelos a seguir.

Desta forma, reconhecer e dar visibilidade ao legado das enfermeiras negras pode ser como uma

fonte de inspiração e aprendizado para as gerações futuras, trazendo representatividade e força para combater o racismo vivenciado diariamente, além de honrar nossos ancestrais, aqueles dos quais nos possibilitaram chegar até aqui.

Ademais, trazer à luz a trajetória e as significativas contribuições destas mulheres na enfermagem, é também uma forma de enfrentamento ao racismo, visto que o esquecimento ou apagamento proposital destas mulheres também é uma ferramenta usada pelo sistema.

Referências

1. Marcondes MM, Pinheiro L, Queiroz C, Querino AC, Valverde D, organizadores. Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: Ipea. 2013. Disponível em: <[https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3039/1/Livro_Dossi%
c3%aa_mulheres_negras-retrato_das_condi%
c3%a7%c3%b5es_de_vida_das_mulheres_negras_no_Brasil](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3039/1/Livro_Dossi%c3%aa_mulheres_negras-retrato_das_condi%c3%a7%c3%b5es_de_vida_das_mulheres_negras_no_Brasil)>.
2. Instituto Ethos. Perfil social, racial e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas. São Paulo: Instituto Ethos. 2016.
3. Leija-Hernandez C. Estratégia integral para a ampliação do papel de enfermagem na atenção primária de saúde. *Enferm Univ.* 2020; 17(2):243-57.
4. Santos FBO, Rabelo ARM, França BR, Carregal FAS, Marques RC, Silva KL. Mulheres negras na história da enfermagem: a competência cultural na trajetória de Maria Barbosa Fernandes. *Rev Bras Enferm.* 2020; 73(Suppl 4).
5. Machado MH, coordenadora. Perfil da enfermagem no Brasil: relatório final: Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2017. Disponível em: <<https://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/pdfs/relatoriofinal.pdf>>.
6. Roman AR, Friedlander MR. Revisão integrativa de pesquisa aplicada à enfermagem. *Cogitare Enferm.* 1998; 3(2):109-12.
7. Praça FSG. Metodologia da pesquisa científica: organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão. *Rev Eletr Diálogos Acadêmicos.* 2015; 8(1):72-87.
8. Sousa LMM, Marques-Vieira CMA, Severino SSP, Antunes AV. A metodologia de revisão integrativa da literatura em enfermagem. *RIE.* 2017; (21):17-26.
9. Araújo WCO. Recuperação da informação em saúde: construção, modelos e estratégias. *Conv Ciênc Inform.* 2020; 3(2):100-34.
10. Stern C, Jordan Z, McArthur A. Developing the review question and inclusion criteria. *Am J Nurs.* 2014; 114(4):53-6.
11. Page MJ, McKenzie JE, Bossuyt PM, Boutron I, Hoffmann TC, Mulrow CD, et al. A declaração PRISMA 2020: diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas. *Epidemiol. Serv. Saúde.* 2022; 31(2).
12. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70. 2011.
13. Santos VJO, Costa JG, Brandão FAM, Santos OP, Moraes Filho IM. A importância das mulheres negras na enfermagem do Brasil e do mundo. *REVISA.* 2023; 12(3):443-62.
14. Silva LSAH, Tavares CMM, Ferreira MM, Silva TN. Construindo uma narrativa antirracista para a formação em enfermagem: relato de experiência de uma ação afirmativa em sala de aula. *Rev Eletr Enferm.* 2023; 25:1-7.
15. Gandra EC, Silva KL, Passos HR, Schreck RSC. Enfermagem brasileira e a pandemia de Covid-19: desigualdades em evidência. *Esc Anna Nery.* 2021; 25(spe).
16. Pinheiro CW, Araújo AS, Vasconcelos APN, Freitas DJN, Alencar HCN, Rolim KMC. O cuidado das amas-de-leite e o protagonismo do negro na história da enfermagem: uma luta por equidade. *Hist Enferm Rev Eletr.* 2015; 6(1):124-34.
17. Löw L, Oguisso T. Mary Seacole e Maria Soldado: enfermeiras negras que fizeram história. *Cultura de los Cuidado.* 2014; 18(38):64-70.
18. Löw L. Enfermeiras negras na Revolução Constitucionalista de 1932 [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2013. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7140/tde-06092013-170330/pt-br.php>>.
19. Bonini BB. Ser enfermeiro negro na perspectiva da transculturalidade do cuidado.

[Dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2010.

20. Jesus ES, Marques LR, Fortes LC, Alves TB, Freitas GF, Oguisso T. Preconceito na enfermagem percebido por enfermeiros: uma abordagem quantitativa. REME Rev Min Enferm. 2008; 12(4):477-82.

21. Ferreira MCL, Sena ARMF, Barreira IA. Minorias discriminadas e trabalho qualificado: o acesso de mulheres negras à Enfermagem profissional nos anos 30. Esc Anna Nery Rev Enferm. 1999; 3(1):43-57.

22. Barreto PS. Mulheres escravizadas: gravidez, maternidade e as questões do trabalho no Brasil - século XIX (1830 - 1888) [monografia]. Mariana, MG: Universidade Federal de Ouro Preto. 2021. Disponível em: <<https://monografias.ufop.br/handle/35400000/3732>>.

23. Campos PFS. Cultura dos cuidados: o debate entre história e enfermagem pré-profissional nas aquarelas de Jean-Baptiste Debret (1816-1831). Cultura de los Cuidados. 2015; 19(43):95-105.

24. Guimarães M. Escravas domésticas no século XIX: o papel da mulher na sociedade escravocrata. Revista científica semana acadêmica. 2020; 000196.

25. Quintas G. Amas-de-leite e suas representações visuais: símbolos socioculturais e narrativos da vida privada do nordeste patriarcal-escravocrata na imagem fotográfica. RBSE. 2009; 8(22):11-44.

26. Fanon F. Pele negra, máscaras brancas. São Paulo: Ubu Editora. 2020.

27. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Atlas da violência 2018. Brasília: Ipea. 2018.

28. Garcia TR. Eugenia! In hoc signo vinces: um aspecto do discurso sanitário da enfermagem, 1932 a 1938. Rev Bras Enferm. 1993; 46(3/4):189-98.

29. Nascimento Júnior CBO. Black ladies nurses?! Sim: enfermeiras negras e a construção da identidade da Enfermagem no Brasil [monografia]. Santo Antônio de Jesus: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. 2018.

30. Villa TCS, Mishima SM, Rocha SMMR. Os agentes de enfermagem nas práticas sanitárias paulistas: do modelo bacteriológico a programação em saúde (1889-1983). Rev Latino-Am Enferm. 1994; 2(2):73-85.